

DISTOPIA E ANIMAÇÃO: O UNIVERSO FANTÁSTICO EM NAUSICAÄ DO VALE DO VENTO, DE HAYAO MIYAZAKI

Ravena Amorim Chaves¹
José Wanderson Lima Torres²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o filme *Nausicaä do Vale do Vento*, de Hayao Miyazaki, a partir do conceito de distopia. A hipótese investigativa conduzirá a ver em *Nausicaä* uma distopia ambiental, que se consubstancia na refinada elaboração visual de um mundo pós-apocalíptico. Espera-se ressaltar, no processo analítico desta obra de Miyazaki, tanto o labor estético do diretor quanto seu humanismo e sua preocupação ecológica.

PALAVRAS-CHAVE: Animação. Miyazaki. *Nausicaä*. Distopia.

ABSTRACT

This paper aims to analyze *Nausicaä of the Valley of the Wind*, an animated movie by Hayao Miyazaki, based on the concept of dystopia. An investigative hypothesis will lead us to see an environmental dystopia in *Nausicaä* that consolidates in a refined visual elaboration of a post apocalyptic world. It expects to emphasize, in the analytical process of Miyazaki movie, both esthetics labor and his humanism and ecological worries.

KEYWORDS: Animation. Miyazaki. *Nausicaä*. Dystopia.

I

Nausicaä do Vale do Vento (1984) é um dos primeiros filmes de Hayao Miyazaki, grande mestre da animação japonesa. Baseado na história do mangá que tem o mesmo nome, escrito em sete volumes que narram uma distopia futurista, Miyazaki explora a ganância do homem – fundada numa visão instrumentalizada e desmitificadora da Natureza – e qual o resultado dessa atitude. O filme é um dos mais populares da história do Japão, e seu grande sucesso permitiu que se criasse, um ano depois, o renomado Studio Ghibli.

Nausicaä é uma personagem forte e que emana poder de decisão, marca recorrente dos trabalhos de Miyazaki³. Posteriormente, o autor utilizará personagens femininas que serão na sua maioria protagonistas da narrativa, a exemplo de San, de *Princesa Mononoke* (1997) e Chihiro,

1 Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: ravenaamorim41@gmail.com

2 Doutor em Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professor do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: wandersontorres@hotmail.com.

3 A respeito dessa recorrência, Horta (2017), em *Mulheres e memórias em Miyazaki*, realiza um estudo de grande abrangência e densidade.

de *A viagem de Chihiro* (2001). Independentes, fortes e que não se limitam a espera do príncipe encantado, estas protagonistas fogem aos padrões clássicos estabelecidos pelas princesas da Disney.

Numa perspectiva abrangente, a obra suscita algumas questões que permitem uma discussão e busca de entendimento amplo, como: O que se entende por Utopia e Distopia? Quais elementos dentro da obra caracterizaram Miyazaki como o mestre da animação japonesa? Como se apresenta a distopia dentro do filme *Nausicaä do Vale do Vento*?

Na busca de respostas a tais respostas, é que o presente trabalho objetiva analisar o universo fantástico e distópico de *Nausicaä do Vale do Vento* de Hayao Miyazaki para então discutir como esses elementos se estabelecem dentro do filme. Como apoio a este objetivo central, busca-se ainda compreender a palavra utopia e distopia; analisar e apresentar as características do trabalho de Miyazaki; identificar o processo distópico dentro da narrativa fantástica de Nausicaä.

Este estudo utiliza procedimentos crítico-analíticos sobre a obra fílmica *Nausicaä do Vale do Vento* (1984) de Hayao Miyazaki. A análise da obra baseia-se em pressupostos dos estudos no campo da animação de Miyazaki e suas características no renomado Studio Ghibli. Será desenvolvido um levantamento bibliográfico acerca dos estudos de Berriel (2005), Booker (1994), Hilário (2013) e Chauí (2008) sobre a utopia e a distopia, bem como os trabalhos de Pessel (2009), Richter (2012), Santos (2015), Alkmim (2012), Antunes (2014) e Bruno (2013) sobre o diretor de *Nausicaä do Vale do Vento*.

II

Em linhas gerais, as distopias, explorando a estupidez coletiva e a ingerência política, constituem representações, em forma satírica ou profética, de um futuro catastrófico, marcado pelo autoritarismo, guerras, catástrofes ecológicas e desumanização promovida pela tecnologia. Constituem, como se poder deduzir, o avesso das utopias. E pedem, assim, um confronto com estas para que sejam bem assimiladas.

Segundo Chauí (2008, p. 7), “a utopia nasce como um *gênero literário* — é a narrativa sobre uma sociedade perfeita e feliz — e um *discurso político* — é a exposição sobre a cidade justa”. Essa dimensão política que a autora acentua constitui um elemento crucial tanto nas utopias quanto nas distopias. Em ambas, há uma admoestação ao status quo presente e ambas constituem discursos diretivos, não raro com um halo de autoritarismo: a utopia diz o que fazer; a distopia o que evitar ou como não fazer.

Ainda sobre esta dimensão política das distopias, Hilário faz uma percuciente análise:

As distopias problematizam os danos prováveis caso determinadas tendências do presente vençam. É por isso que elas enfatizam os processos de indiferenciação subjetiva, massificação cultural, vigilância total dos indivíduos, controle da subjetividade a partir de dispositivos de saber etc. A narrativa distópica é antiautoritária, insubmissa e radicalmente crítica. [...]

Elas contêm um pessimismo ativo, muito próximo dos frankfurtianos da primeira geração, cujo objetivo é impedir, por todos os meios possíveis, o advento do pior [...]. Ao pôr o futuro no registro do piorável, e não do melhorável como na utopia, as distopias facilmente podem ser confundidas como apologias da decadência. Mas não é disso que se trata. [...] As distopias são a denúncia dos efeitos de poder ligados às formas discursivas.

Para Berriel (2005), por sua vez, as utopias são geradas por dois princípios específicos: “1) a partir de uma experiência histórica, como metáfora, e 2) a partir de uma Ideia, de uma construção abstrata que desce do Céu para a Terra” (2005, p. 1). Ele afirma que o nascimento da distopia se deu a partir desta segunda hipótese. Consequentemente, a distopia nasceu da utopia, sendo ambos vocábulos fortemente relacionados. Segundo o autor, há em toda utopia um elemento ou característica distópica. Seguindo o juízo clássico aristotélico, Berriel define:

- a) a **utopia** clássica se desenvolve construindo um hiato (insanável) entre a História real e o espaço reservado para as projeções utópicas; a descoberta de um país distante, até então ignorado (como no enredo de Morus, Campanella e outros) se tornou símbolo de uma fratura não apenas geográfica, mas sobretudo histórica;
- b) a **distopia** busca colocar-se em continuidade com o processo histórico, ampliando e formalizando as tendências negativas operantes no presente que, se não forem obstruídas, podem conduzir, quase fatalmente, às sociedades perversas (a própria distopia). (BERRIEL 2005, p. 2)

Tendo em vista o campo literário e cinematográfico, podemos analisar que as distopias têm seu surgimento posteriormente à estabilização de um governo considerado utópico. Em grande parte destes enredos ficcionais o protagonista, ou uma pequena parte da população, tem consciência da realidade em que está inserida e tenta modificá-la, mas enfrenta um empecilho, pois convive com obscurantismo da sociedade. Dentro desta estética distópica, os autores utilizam em suas narrativas elementos como o exagero da coibição do “poder pensar”, o autoritarismo e a tecnologia (a utilização de robôs) como mecanismo de controle e repressão.

Tais características estão presentes em uma categoria de distopia estreitamente ligada ao mundo atual, a ficção científica, onde se costuma simular diversas versões do mito apocalíptico para um futuro bem próximo⁴. Podemos constatar estes elementos em alguns livros e filmes distópicos como: *Minority Report* (2002), *Matrix* (1999), *O livro de Eli* (2010), *Mad Max* (1979), *O Planeta dos Macacos* (1968), *Ensaio sobre a cegueira* (2008), *Blade Runner* (1982) e, bem recentemente, na série *Black Mirror*.

Nausicaä do Vale do Vento (1984), nosso objeto de estudo, pode ser qualificado como uma distopia ambiental. Nesta obra, Miyazaki imagina uma catástrofe ambiental fruto da manipulação imprudente da tecnologia e de uma visão meramente instrumental da Natureza.

⁴ Keith Booker (1994) diferencia utopia e ficção científica asseverando que nas obras distópicas há sempre um compromisso com a crítica política e social, o que não é obrigatório nas ficções científicas.

III

O traço artesanal visto nos dias de hoje, onde reinam as animações tridimensionais, é uma raridade. De acordo com Palheiros e Raveira (2014), a era digital predominante na contemporaneidade faz com que essa técnica seja pouco utilizada. Mas para Hayao Miyazaki o artesanal é primordial e o digital exerce papel complementar.

Miyazaki nasceu em Tóquio, no dia 05 de janeiro de 1941, em meio à Segunda Guerra Mundial. Seu pai era diretor da empresa familiar Miyazaki Airplane, que construía aviões usados na guerra. Essa ligação com o universo aéreo o levou a desenhar aviões desde cedo, mesmo antes de aprender a desenhar pessoas ou outros seres. Sua paixão pelos objetos que voam tornou-se marca registrada do autor, bem apreciada em *Porco Rosso* (1992) e em seu último filme, *Vidas ao Vento* (2013).

Conforme Palheiros e Raveira (2014), vários elementos influenciaram Miyazaki a seguir o campo da animação. Formado em Ciências Econômicas e Políticas em 1962 desafiou-se no mundo das artes, pois durante sua jornada na faculdade conheceu o mundo da literatura fantástica e da literatura infantil, convivendo com escritores que o inspiraram, como Osamu Tezuka, J.R.R. Tolkien, Philippa Pearce, Isaac Asimov, Rosemary Sutcliff, Julio Verne, Homero, Taiji Yabushita, Antoine de Saint-Exupéry, entre tantos outros. Como se vê, trata-se de escritores de imaginação exuberante e que, rechaçando a linha do anti-heroísmo e da fragmentação prevalece na literatura moderna, optam por um fazer literário centrado no mito e na tradição épica.

Além da recorrência a personagens femininas fortes e da imaginação inclinada ao mito e ao heroico, outro traço do processo criativo de Miyazaki é a ausência de maniqueísmos em suas histórias. Segundo Richter e Júnior (2012), “não há em seus filmes uma polarização clara ou até maniqueísta entre bem e mal, nem uma separação muito nítida entre mundo onírico e real. Essas qualidades, essas dimensões parecem constantemente permear-se em seus trabalhos”. Podemos visualizar isso em vários filmes de Miyazaki, como *Meu Vizinho Totoro* (1988), *Princesa Mononoke* (1997) *A Viagem de Chihiro* (2001) e *Ponyo* (2009).

A narrativa Nausicaã ocorre em um futuro considerado pós-apocalíptico e tem como ponto de partida o evento chamado Os Sete Dias de Fogo, em que os seres humanos, com seu poder e ambição, utilizaram criaturas horrendas e gigantescas que possuíam um grande poder de aniquilação para dominar o planeta. Toda a flora e fauna foram destruídas como resultado dessa guerra, ou seja, o ecossistema terrestre entrou em degradação. Como consequência, surgiram as terríveis e temidas florestas de gás tóxico chamada de Mar da Podridão ou Fukai.

“Mar podre’ refere-se ao ecossistema das terras devastadas pela poluição da antiga cidade industrial. O mundo estava prestes a ser engolido de forma silenciosa pela floresta gigante, que produz fungos venenosos a que apenas insetos conseguem sobreviver (MIYAZAKI, 2006, p. 20, vol.1).

O ar nessa floresta é denso e irrespirável, somente insetos monstruosos habitam seu interior; um deles são os Ohms que, segundo Santos (2015), “são atraídos pelo disparo de armas de fogo ou pela ameaça a algum dos seus. Os Ohms aparecem em duas formas: ou como larvas gigantes (são as que mais aparecem) ou como insetos com asas”.

Em um dado momento não especificado na narrativa, o Vale do Vento é invadido e tomado pelo exército de Tolmekia, que tem um grande poderio bélico e sem piedade transformam os cidadãos em escravos. O objetivo deles é fazer voltar à vida um dos gigantes guerreiros que estavam nos Sete Dias de Fogo e que está adormecido há mil anos para destruir os seres da floresta tóxica formada por insetos grandiosos. Este guerreiro está adormecido em um casulo deixado acidentalmente pelo avião da cidade de Pejite, nas terras do Vale do Vento. A princesa Nausicaä possui uma grande sensibilidade e consegue compreender a natureza; tem o dom de se comunicar com os animais e utiliza esta dádiva para salvá-los da destruição. Ao mesmo tempo, auxiliará seu povo a se libertar dos Tolmekia, tornando possível a profecia em que os seres humanos poderão coexistir em paz com a floresta tóxica e seus habitantes.

Para Hayao Miyazaki (2006), Nausicaä veio da inspiração de uma princesa de Feácia, que ajuda Ulisses em *A Odisseia*, uma bela jovem, sonhadora e bem veloz. Tinha aptidão musical e valorizava-a mais do que conhecer seus pretendentes ou usufruir de riquezas materiais. Possuía um grande esmero pela natureza e conservava um traço extremamente sensível. “Foi ela que, sem medo, salvou Odisseu e cuidou de seus ferimentos quando ele apareceu na praia, coberto de sangue. Nausicaä acalmou seu espírito improvisando uma canção para ele” (MIYAZAKI, 2006, vol.1).

O conto japonês intitulado *The Tales of the Past and Present* possui uma heroína que também inspirou Miyazaki a compor a personalidade de Nausicaä. Filha e descendente de uma família aristocrática, era conhecida como “princesa que adorava insetos”.

Era vista como excêntrica porque, mesmo depois de chegar à idade do casamento, continuava gostando de brincar nos campos e se encantava com a transformação de uma lagarta em borboleta. Suas sobrancelhas eram escuras, e seus dentes, brancos – diferente das outras garotas de sua época, ela não seguia costume de raspar as sobrancelhas e enegrecer os dentes. De acordo com os Tales, ela era bem estranha. Ela não se intimidava com as restrições da sociedade; corria o quanto queria pelas montanhas e campos, comovida com as plantas, as árvores e nuvens [...] (MIYAZAKI, 2006, vol.1).

Ambas as princesas converteram-se em uma única criação na mente do diretor, tornando Nausicaä uma personagem referencial e emblemática dentre as demais criações femininas de Miyazaki.

Nausicaä é uma jovem de personalidade forte, decidida, mas também muito doce e amável, que possui um dom de compreender a natureza e os animais; ela busca, através de suas pesquisas e esforços, uma maneira de homem e meio ambiente se relacionarem respeitosamente, sendo esse seu objetivo maior na obra.

A civilização em que vive a protagonista foi devastada por consequência do

desenvolvimento desenfreado das indústrias do nosso presente, gerando um futuro caótico. O povo do Vale do Vento, no entanto, acredita em uma lenda muito antiga, segundo a qual após os sete dias de fogo um guerreiro vestido em uma túnica azul, caminhando em campos dourados, virá restaurar a paz entre as nações e os homens poderão viver harmoniosamente com a natureza.

A heroína encarnará esta figura redentora, por sua capacidade de superar os limites do humanismo estreito que asfixia as demais pessoas ao seu redor. Afirmamos humanismo estreito porque nele todo ser vivo não-humano ou é objeto de uso ou é fonte de medo. Homem e Natureza encontram-se cindidos por um abismo aberto pelo mau uso da tecnologia. Nausicaä faz o desejo de conhecer suplantar o medo: ela pesquisa em silêncio em busca de uma solução para reatar a confiança das pessoas no mundo em que habitam.

Mas seu papel não se reduz ao de uma mera cientista; Nausicaä encena ainda um sacrifício crístico que faz cumprir a profecia. Seu papel heroico é o de se oferecer em um sacrifício a fim de que Homem e Natureza – no filme, os Ohms são a mais pura simbolização do elemento natural – se reconciliem. Miyzaki desenvolve um subtexto no qual fica claro que o ser humano é menos mal que ignorante; os Ohms não eram, a rigor, odiados, mas temidos como forças impossíveis de domar.

Como sabemos, ao longo do desenvolvimento histórico, o homem tentou dominar as forças imprevistas da Natureza por dois meios: o mito e a razão. No universo narrativo de *Nausicaä* estes dois meios estavam em crise, o mito por ter caído em descrédito para a maioria e a razão por haver exaurido a Natureza e produzido aberrações. A personagem Nausicaä precisou reatar estas duas forças para resgatar seu mundo: sua atitude é tanto a de redentora mística quanto a de cientista.

O Mar da Podridão era muito mais moral que factual – esta parece ser a lição maior de Nausicaä ao seu povo. O medo foi o salário pago ao homem por não cuidar e não confiar na Natureza. Com seu gesto, Nausicaä dá aos seus próximos uma segunda chance de viver em harmonia com a Natureza. O pós-Apocalipse de Miyzaki reverte-se, no fim, de uma nova esperança. Mas não se saber se o que virá será um novo Paraíso, porque não se pode afirmar sem hesitação que o ser humano aprenda com seus erros.

IV

O que se pode perceber, analisando as significações de utopia e distopia, é que os acontecimentos na obra de Miyazaki ocorreram de forma a elucidar os elementos distópicos na trama de Nausicaä, uma mistura fantasiosa de ficção e folclore. Por conseguinte, através do conhecimento adquirido pela análise, percebemos que a busca pelo herói lendário que salvaria o povo da desolação em que todos viviam acaba por configurar-se uma utopia desejada pelo momento pós-apocalíptico em que se encontram.

Com o intuito de promover uma análise sobre os elementos em *Nausicaä do Vale do*

Vento configurados através do universo fantástico de Hayao Miyazaki, podemos concluir que a narrativa fílmica é de caráter distópico, pois a obra se apresenta num futuro pandêmico gerado pela ação catastrófica do próprio homem. Desta catástrofe o homem só poderá escapar, segundo entrevemos nas entrelinhas da obra, se a sua razão não reduzir a Natureza à simples fonte de matéria-prima. A Natureza não é o Outro do ser humano; é parte dele.

Referências

- ALKMIM, Robson. *O universo animado de Hayao Miyazaki*. Em: <<http://soulart.org/artes/o-universo-animado-de-hayao-miyazaki/>>. Acesso em 05 de agosto de 2015.
- ANTUNES, Loa. *Mulheres de Miyazaki: Nausicaä do Vale dos Ventos*. Em: <<http://www.cartapotiguar.com.br/2014/10/01/mulheres-de-miyazaki-nausicaa-do-vale-do-vento/>>. Acesso em 05 de agosto de 2015.
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Utopia, distopia e história. In: Editorial da MORUS – *Utopia e Renascimento* 2, Campinas, 2005, p. 4-10.
- BOOKER, Keith, *Dystopian Literature: A Theory and Research Guide*. Westport & London: Greenwood Press, 1994.
- BRUNO, José. *Nausicaä - A Princesa do Vale dos Ventos*. Em: <<http://sublimeirrealidade.blogspot.com.br/2013/03/nausicaa-princesa-do-vale-dos-ventos.html>>. Acesso em 17 de junho de 2015.
- CHAUÍ, Marilena. Notas sobre utopia. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, vol. 60, nº especial, jul. 2008.
- HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. in: *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013.
- HORTA, Lilia Nogueira Calcagno. *Mulheres e memórias em Miyazaki: o consumo da estética híbrida e transgressora do cinema de animação de Hayao Miyazaki*. Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo, São Paulo, 2017.
- MIYAZAKI, Hayao. *Nausicaä do Vale do Vento*. [Filme-DVD]. Produção de Ghibli Studio. Tóquio, 1985.
- MIYAZAKI, Hayao. *Nausicaä do Vale do Vento*, vol. 1. Tradução Dirce Miyamura. Conrad Editora do Brasil. São Paulo, 2006.
- MIYAZAKI, Hayao. *Nausicaä do Vale do Vento*, vol. 2. Tradução Dirce Miyamura. Conrad Editora do Brasil. São Paulo, 2006.
- NOJIRI, A. (Org.). *Maravilhas do Conto Japonês*. Traduções de Albertino Pinheiro Júnior, Antônio Nojiri, Fuyou Koyama, Henrique Santo, José Yamashiro, Katsunori Wakisaka, Konoske Oseki, Shinobu Saiki, Teiiti Suzuki, Yoshihiro Watanabe, José Paulo Paes e Rolando Roque Da Silva. São Paulo: Cultrix, 1964.
- PALHEIROS, Renata; RAVEIRA, Jansen. *O universo de Miyazaki, Otomo, Kon*. <<http://nuage.art.br/mok/hayao-miyazaki/>>. Acesso em julho de 2015.
- PEssel, Matheus Silveira. *O cinema de animação de Hayao Miyazaki*. UFRGS 2009 Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/22685>> Acesso em: 27 de junho de 2015.
- RICHTER, Lorena Kim. ; JUNIOR, Maddi Damião. *Os filmes de animação de Hayao Miyazaki e o conceito de imaginação em C.G.Jung*. <http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2012/22%20Psico_Os%20filmes%20de%20animacao.pdf> Acesso em 03 de agosto de 2015.
- SANTOS, Paulo Vinicius F. dos. *Resenha: Nausicaä of the Valley of the Wind*. Em: <<http://www.ficcoeshumanas.com/especial-ghibli/resenha-nausicaa-of-the-valley-of-the-wind>>. Acesso em: 17 de junho de 2015.